

ADVERTENCIAS.

A distribuição começa hoje, quinta-feira, ás 10 horas da manhã. Aos Srs., que, o mais tardar, quatro horas depois não tenham recebido, roga-se o obsequio de o participarem no escriptorio da REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE, rua dos Fanqueiros n.º 82 — 1.º andar, para se providenciar.

PARA o numero seguinte publicaremos a resposta do Sr. A. V. ao nosso artigo 2278.

CONHECIMENTOS UTEIS.

VIDRO PROTHEU.

2324 A NATUREZA creou o diamante e o crystal; o acaso inventou o vidro, que imita o crystal e o diamante — a sciencia imita hoje com o vidro todas as obras da natureza, não só as inorganicas como a pedraria, mas as vegetativas e animadas com toda a variedade e lindeza de suas fórmulas e côres. A demonstração d'esta inverosimil verdade apparecerá a todos os incredulos, segunda-feira proxima, na residencia do Sr. CAYROL, *calçada nova do Carmo n.º 14*.

Ahi se verá brilhar na maior profusão toda a sorte de objectos naturaes e artificiaes, ainda os mais complicados e minuciosos, sem que em toda a sua composição se note um átomo, que não seja vidro, — cestinhos, flôres, e ramalhetes — paizagens — aves, que parecem ter accudido de regiões estranhas para vir poisar entre aquella vegetação maravilhosa — animaes de toda a especie — náus com todas as vellas desfaldadas, com toda a artilharia abocçada, com os marinheiros trepando pela enxárcia para o serviço da manobra — coruchéus indiaticos e chins de graciosa architectura, onde se baloicam ou se divertem por mil outros modos os deliciosos filhos da aurora — um carro triumphal em que Venus é levada pelas suas pombas — Cupidinhos, esvoaçando por entre as borboletas, irmãs suas em melindrosas e inconstantes — lustres — carruagens com soberbos tiros de cavallos — tudo enfim quanto a imaginação, mais avida, poderia pedir á alâmpada maravilhosa das *Mil e uma noites*.

E com effeito, é tambem uma alâmpada, a que alli á vista de todos, produz e multiplica estes prodigios. Verdadeiro magico da industria, o sr. CAYROL está sentado diante da sua meza em face da sua alâmpada e sem fórmula nem outro algum instrumento para despachar de repente todos os vossos requerimentos, mais do que umas varinhas de vidro de diversas côres, que são as suas varinhas de condão.

As proprias obras do Sr. CAYROL são menos admiraveis que o seu modo de trabalhar. Conversando com vosco, respondendo a todas as vossas perguntas, parecendo não dar senão uma pequena parte da sua attenção ao que está fazendo, é com duas d'estas varas, escolhidas ou trocadas segundo lhe convém tal ou tal côr, que elle vae derretendo á chama a sua materia prima e affeioando-a, no ar, diante de vós, sem véu de mysterio nem charlatanaria. O mesmo vidro, que lhe está dando a materia prima, lhe está servindo de instrumento: — e que proporção e correspondencia de fórmulas, que exacção e graça de desenho.

O Sr. CAYROL é um artista que reúne o esculptor, o pintor, o esmaltador, com assás de conhecimen-

tos da zoologia, da botanica, da architectura terrestre e naval, e com um gosto especialissimo na arte das decorações.

Não pára aqui. — Não contente de obrigar o vidro a tomar todas as figuras, disséreis que até a sua natureza íntima lhe transmuda. O corpo, ao mesmo tempo tão inflexivel e tão fragil, cobra elasticidade, torna-se docil e domavel como a seda: vereis fiar o vidro com uma rapidez portentosa: tomareis nas mãos as suas meadas, dobral-as-heis, enlacaal-as-heis; sentireis desejos de o ver tecido; não é o Sr. CAYROL homem para deixar de vos satisfazer em ponto algum: mostrar-vos-ha os seus tecidos (*) vitreos tão brandos e mórvidos como os de algodão.

Já se vê quantos usos poderão fazer do prestimo do Sr. CAYROL os opulentos, e ainda os medianamente ricos, para satisfazer as phantasias do luxo. Que variedade de novos ornatos para salas, para toucadores para mezas de jantar! Mas o Sr. CAYROL não produz sómente objectos de luxo: todos os instrumentos de chimica e de physica, retortas, thermómetros, barometros, tudo quanto de vidro se pôde fazer, executa-o elle com a rapidez e perfeição de que todos poderão dar testemunho, *segunda-feira proxima*. Não conviria porventura que se diligenciasse aggregar ao magistério na Academia-das-Bellas-Artes, quem pela primeira vez, vejo mostrar em nossa terra uma industria tão bella, tão variada e tão proveitosa! Que bem não ficára á mesma Academia o requerel-o!

NOVOS COLXÕES BONS E BARATOS.

2325 SABIA-SE ha muito que o côco era por diversos modos util a usos domesticos; mas o que se ignorava ainda era que as fibras da casca servissem para encher colxões.

No *Atlas*, jornal inglez de 4 de novembro, vem o annuncio seguinte:

«Os melhores colxões, por sua duração, accio, «cómmodo, e economia, são os da fibra dos côcos, «a sua elasticidade egual á da melhor elina, e custam «metade.

É factó bem conhecido, pelas propriedades chemicas da fibra, fugirem della os vermes.

REMEDIO PARA LEPROSOS.

2326 LE-SE no *Jornal d'Utilidade Publica* de 7 de novembro o seguinte: —

«Sr. Redactor. — Vi no seu n.º 826, artigo Miscellanea, a carta do Sr. Ramalho sobre o alcançar-se a recceita contra a elephancia: de que fallou a *Revista Universal Lisbonense* no artigo 2120; gostei immenso, que o seu n.º viesse despertar-me, para me lembrar de coisa que é interessantissima á nação, e que me veio á noticia em 1842 em Palmella, onde então me achava empregado. Sendo eu curiosissimo a respeito da botanica, e medicina, em que muitas vezes costume refrigerar as minhas idéas, cançadas pela reiteração de sempre quasi eguaes materias no ministerio de minha profissão, alcancei o receituário magis-

(*) O fiar e tecer vidro não é invenção do Sr. CAYROL, d'essa industria ha já maravilhosas fabricas em Paris, e os jaézes de alguns dos cavallos, que ornaram a pompa funebre de Napoleão eram de especiosissima téla de vidro multicolor.

tral do Dr. Manuel Antunes da Silva, de que extrai algumas receitas d'entre 1,600, e tantas de que constava: uma pertencia á classe — contra morphéa — e lendo-a ao barbeiro *Pezadelo*, este chamou a velha *Miranda* sua vizinha, e lhe perguntou — se se lembrava em que terra eram os banhos contra a morphéa: — com effeito esta velha me remetteu á *Catharina do Felix*, estanqueira d'aquella villa, assistente na rua da Misericordia, que d'elles se tinha utilizado, e que eu conheço muito bem; dirigiu-se aos taes banhos por informação de um alemtejano, estando ella já coberta de chagas, e quasi sem cabello: apenas tomou os primeiros banhos sararam immediatamente as feridas, e ao segundo anno já podia dispensar o regresso aos dictos banhos, porém foram tomados em razão de assim lh'o persuadirem. Ficam estes banhos em despovoado, e só os anciãos de Aljustrel, para as partes de Béja, sabem informar o sitio de tão benignas aguas: áquella villa se dirigiu a dicta Catharina, e alli a conduziram os praticos d'Aljustrel. Ainda vive, e com saude, esta mulher, e por via do administrador do concelho de Palmella, poderia o governo alcançar exactissimas informações a tal respeito para poder aproveitar em banhos regulares aquellas aguas, que não deixariam de ser manancial d'utilidade áquelles povos.»

«Todas as informações que dou, me foram dadas pela dicta *Miranda*, que julgo tambem se utilisou, ou familia sua, dos mesmos banhos.»

Rogo a V. S. responda á *Revista* com esta minha carta, que se merecer a attenção, não deixarei de continuar de quando em quando a dar-lhe duas regras de utilidade publica.

Deus guarde a V. S.

Manuel Bernardo da Fonseca Claro da Silva e Sousa.

VENENO QUOTIDIANO.

2327. Loco que saiu á luz o artigo 2215, escrupulosamente impresso qual nos fôra remettido, — levantaram-se muitos receios e muitos clamores, — receios da parte dos consumidores do assucar — clamores da parte dos vendedores. O agradável quarto de hora do café sobre o jantar e a hora socialissima do chá nocturno foram convertidos em discussões confusas de hygiéne, de medicina, de chimica, de policia e de liberdade de commercio. Vieram-nos muitas cartas, umas, fazendo perguntas; outras negando o allegado; outras confirmando-o. Escolhemos de toda esta correspondencia, que, a pezar de ser de confeitaria, podia vir em geral mais doce do que veio, as tres seguintes cartas, que damos sem nenhuma alteração nem emenda: —

LENDO o n.º 9 da *Revista Universal Lisbonense*, de que v. é redactor, deparou-se-me um artigo com o titulo de — Veneno Quotidiano — em que se diz, que os confeitores costumam refinar o assucar com ossos em pó; razão porque se viam tantas pessoas pallidas e de cor esverdinhada; não pude deixar de responder a este artigo, não como confeitiro offendido, mas por julgar que devia defender uma classe injustamente accusada.

O auctor dá a conhecer o pouco que está ao facto, da maneira como os confeitores refinam o assucar, porque se o estivesse diria, que mui raros são os que

purificam o assucar com os ossos, e os que assim operam se servem do carvão animal, que é o resultado da carbonisação dos ossos; e sendo estes compostos de tecido cellular, muito phosphato e pouco carbonato de cal, muito pouco phosphato de magnesia, alumina, silice e oxidos de ferro e de manganese, e gelatina e, segundo Berzelius, soda e sal marinho: depois da carbonisação acham-se estes mesmos saes, e para se purificar é lavado em agua acidulada com acido chlorhydrico, que decompõe estes saes, formando chlorhydratos, que se dissolvem na agua e com ella são rejeitados, ficando o carvão puro só formado da gelatina carbonisada: é d'este carvão que os confeitores usam na deseoloração do assucar, e nenhum inconveniente resulta do seu emprego, pois só faz as vezes de filtro, apoderando-se por uma propriedade que lhe é particular da materia colorante, passando o liquido em que o assucar existe dissolvido claro e puro.

Ora sendo d'esta maneira, que os confeitores purificam o assucar, ¿de que poderão ser arguidos? ¿Como poderá a cor pallida e esverdinhada, ser devida aos ossos, se elles não fazem parte do assucar? O que se póde d'aqui concluir é que o auctor se precipitou no seu juizo e que se melhor examinar o que avançou, ver-se-ha na obrigação d'affirmar o que acabo de dizer para honra sua e desagravo d'aquella classe.

José Pedro Henriques Barbosa.

Li em um dos numeros da *Revista*, um artigo que diz respeito á praxe que se vae estabelecendo, segundo dizem, de associar os ossos calcinados ao assucar, e aos prejuizos que d'ella podem resultar á saude etc.

Confesso que não tenho relações directas ou indirectas com os negociantes d'aquelles generos, mas cumpre a todo o homem de bem pugnar, pela verdade, muito mais quando se tracta de objectos, que podem affectar os interesses d'uma grande corporação, pelos prejuizos inculidos ao publico, por meio de asserções que posto attendiveis pela boa fé de quem as exhara, são com tudo inexactas nas suas premissas. Já eu esperava, que algum dos muitos intendedores da materia fisesse a similhante respeito, alguma observação; como ella porém não tem apparecido, tomo esse encargo, não obstante meus poucos conhecimentos: não se dirá que juro na palavra do mestre.

Os ossos são a parte mais sólida dos animaes; compoem-se dos phosphatos de cal, de magnesia, e d'ammoniac: d'oxydos de ferro, e de manganese; unidos como se suppoem tambem ao acido phosphorico; contém igualmente, fluato, e sulphato de cal, com alguns vestigios d'alumina, silice e muita gelatina; e todas estas substancias ligadas por forte cohesão, constituem a rigesa das partes osseas. O acido chlorhydrico atacando os phosphatos, facilita a extracção da gelatina; mas esta questão é alheia de objecto.

Os ossos calcinados a fogo nú, são purificados, por este, de todas as partes heterogenias, que os inquinavam; perdem toda a gelatina, e ficam reduzidos ao que nós chamamos sub-phosphato de cal dos ossos, e que lhe constitue dois quintos da sua composição. É insolúvel na agua e entra no uso clinico como util nas diarrhéas chronicas, e faz uma parte dos pós de jaimes. Já se vê portanto, que esta substancia é assás innocente, para se reputar perigosa

na supposta ou veridica associação com o assucar. Demais, ou os ossos alli figuram como purificantes do assucar, ou como agente que lhe augmenta o peso; no primeiro caso nada lhe achamos de nocivo; no segundo é impraticavel, por isso que o assucar, ainda o menos puro, se dissolve nos liquidos, sem depositar coisa alguma que indique a presença de um corpo insolúvel. A mesma cal sempre se usou em pequena quantidade para neutralisar o assucar, na sua primeira extracção do çumo da canna, e concretar pela separação do melão. As mesmas fôrmas conicas do assucar de lasea, são purificadas, fazendo passar atravez d'uma calda densa, e d'alto abaixo. isto é da base mais larga uma porção de terra calcária, que arrasta consigo todas as impurezas, branqueando-o ao mesmo tempo. Aquella terra deposita-se no fundo agudo da fôrma, que depois se corta, ficando como se vê, a piramide conica truncada; e todos sabem que aquelle assucar é o mais elaro, puro, e estimado. É verdade que a cal, quasi sempre contém algum carbonato de potassa, proveniente da lenha que serviu á sua calcinação; e este sal attrahe um pouco a humidade a si, e ao assucar; mas isto succede quando se emprega o proprio protoxido de calcio, inconveniente que não offerecem os ossos.

¿ Com tudo não se emprega hoje, por toda a parte o carvão animal para se purificarem, e descolorarem diferentes substancias? Todos o sabem. ¿ E este carvão animal qual é? Em geral o marfim queimado. A sua composição é quasi a mesma dos ossos; porém calcina-se em vasos fechados para o carbonisar, e dar-lhe a cor escura. Elle contém mui diferentes substancias das dos ossos calcinados a fogo nũ, e para nos servirmos d'elle, prepara-se previamente por meio do ácido chlorídrico, e da agua fervendo; mas ninguem accusa, antes os praticos recomendam este uso. Nos hospitaes tem-se usado caldo extraído dos ossos, e elaborado na panella de Papin, onde uma forte pressão, lhe extrae facilmente a parte gelatinosa sem que tantos facultativos a todos os respeitos sublimes, mais principalmente pelo seu saber, julgassem até agora alguma coisa de nocivo naquella pratica. As nossas mesmas panellas contem quasi sempre, e infelizmente boa porção ossea, e nem por isso experimentamos accidentes desagradaveis em nossas digestões. A geléa de ponta de veado deveria offerecer, igualmente semelhantes inconvenientes, por se extrair, por meio da ebulição de partes tambem osseas, e não só se lhe não tem notado inconveniente, mas até se applica a doentes, cujos estomagos se querem subtraír, a laboriosas digestões.

Por tudo o exposto, devemos concluir que a respeito do enunciado dos ossos, não ha que temer consequencias danosas, se porventura se servem d'elles, para qualquer dos fins que dizem.

Lisboa 3 de novembro de 1843.

Henrique José de Souza Telles.

TENDO visto no seu acreditado jornal (n.º 9) de 19 de outubro uma exposição com o titulo « Veneno Quotidiano » relatando o pessimo uso seguido pelos confeitores para clarificar assucar com o pó de ossos, e como julgo que este assumpto merece mui séria attenção tanto do governo, como de todos os chefes de familias, não perdi tempo, e mandei indagar a este

respeito por diversos canaes, e o resultado da averiguação confirma tudo, (e ainda mais) do que V. expõe, sendo certo que em lugar do muito antigo costume de usar de ovos para clarificar o assucar, a maior parte dos confeitores servem-se para esse fim de pó de ossos, que varios gallegos preparam, sendo apanhados pelos trapeiros no caes da lama, cheios de immundicie, e corrupção: e para prova d'isto, é notorio que o preço dos ovos tem diminuido em consequencia d'este novo methodo adoptado pelos confeitores. Estes são os resultados das minhas indagações.

Sr. Redactor, um mal que chega a todo o povo para enriquecer uns poucos de avarentos (vêde as lojas de confeitores *agora*, e as dos tempos passados), deve-se-lhe pôr termo, e isto quanto antes; e para evitar a continuação de tão escandaloso abuso, creio que sómente compéte ás auctoridades adoptarem meios mui séveros para punir os delinquentes: e só assim será possivel evitar os estragos na saude do povo, que imperceptivelmente está tomando veneno quotidianamente, a bem, e pelo vil interesse particular dos confeitores.

Se V. julga necessario, eu me incumbo de expôr os nomes dos confeitores que mais abusam a este respeito, e egualmente os sitios onde os taes gallegos preparam o tal veneno para o povo engolir. V. Sr. Redactor, pôde fazer uso d'esta carta como bem lhe parecer, sendo certo que o caminho que V. segue, é sempre de reprimir abusos, proteger, e zelar o bem do povo, e da patria.

Lisboa 31 de outubro de 1843.

Seu constante leitor.

INCENDIOS.

(Carta.)

2328 Leio sempre com prazer o seu periodico, sem contradicção o mais útil de quantos ahi se escrevem n'esta nossa malfadada terra. N'elle vou refocillar o animo magoado da leitura dos jornaes politicos. Sou portuguez até aos ossos, e por isso folgo de vêr que haja ainda quem de portuguez se ufane.

Por muitas vezes temos visto na *Revista* lembranças felizes tendentes a aperfeiçoar os diversos ramos do serviço publico, e de muitas, sabemos, que tem sido adoptadas. Venho hoje tambem fazer-lhe presente d'uma lembrança: —

Nè, che poco io vi dia, da imputar sono

Che quanto io posso dar, tutto vi dono.

— Diz respeito aos incendios. Todos sabemos que temos optimos regulamentos sobre este objecto; mas tambem todos estamos vendo, a cada passo, bombas arrastadas ao som de barbara algazarra, piquetes a marchar, marchas forçadas, bandos de gallegos carregados de barris, auctoridades açodadas batendo por essas calçadas rijo trote, e isto muitas vezes de noite, a deshoras, com geral incómmodo da cidade: para acudir a um incendio do qual muita vez até já as fumaças desapareceram. ¿ Ora (dizia eu) assim como ha um toque para annunciar o incendio, não poderia haver outro para annunciar a extincção do incendio? Parece-me que com um simples repique convencional, de musica bem distincta de quantas musicas por ahi tocam os sinos (que não tocam poucas, e bem improprias) se poderia evitar tanta fadiga vã.

Se achar a lembrança plausível e a quizer inserir nas hospitaleiras columnas do seu periodico, muito obsequiará o seu devoto leitor.

F.

Lisboa 20 de novembro de 1843.

De tanto melhor mente accéitamos o alvitre do nosso obsequioso correspondente, quanto essa util idéa já nós a havíamos levantado no primeiro volume d'este periodico — no artigo 510 — isto é ha perto de anno e meio: e com ser de tão facil realisação, que nada custava, e de tanta vantagem que a milhares de pessoas forrava um grande descómmodo que muito a miúdo se repete, ainda não achou quem n'a realisasse.

Já ouvimos objectar que o rebate do fogo é dado cá da rua por uma corda presa ao sino e cuja extremidade inferior está fechada em um armario, que a guarda proxima vem abrir na occasião para toear ella mesma: e que por consequencia quem dá o primeiro signal não poderia dar o segundo. — Depressa se desata a duvida: se na torre não mora sincero que seja obrigado ao repique, — não seja repique a denuncia de incendio terminado, mas sim o mesmo toque por onde o principio d'elle se accusou — só com a differença do compasso, que, para chamar, póde ser mais vagaroso em ordem a facilitar o conto das badaladas, e para despedir rapidissimo.

Não é porém esta a unica, boa, e exequível lembrança, que havemos offerecido infructosamente a respeito de incendios. Haja vista aos artigos 68, 1357 e 2175.

PROVIDENCIAS CONTRA INCENDIOS.

2329 Em uma *Gazeta de Allemanha* achamos um invento admiravel. Se produz todo o effeito, que se lhe attribue; se não tem algum ponderosissimo desconto, se não é exorbitante o seu dispendio, não ha duvida em que será adoptado á porfia em todas as partes do mundo.

Que examine todos estes *ses* o Sr. Inspector dos incendios a quem de direito isso pertence. A nossa obrigação é dar a noticia.

Em Vienna d'Austria se experimentaram uns pós compostos por um alemão, chamado Gratz, que atirados para cima do lume o apagam quasi de repente, o que nem sempre a agua consegue.

AGRICULTURA NA ILHA DE S. MIGUEL.

2330 Recebemos o primeiro numero de um periodico mensal, intitulado *O Agricultor Michaelense*, impresso em Ponta-Delgada, e pertencente a outubro ultimo. Esta primeira mostra, que de si dá a sociedade recém-instaurada n'aquella terra, sob o titulo de *Sociedade promotora da agricultura michaelense*; presidida pelo Sr. José Jacome Corrêa, composta já de sessenta e tres membros, e devidamente auxiliada pelo respectivo governador civil o Sr. Francisco Affonso da Costa Chaves e Mello: — esta sua primeira mostra, repetimos, bem merece que toda a imprensa periodica sinceramente desejosa do bem publico a recomende. Por nossa parte julgamos cumprir um dever, propondo á imitação das mais provincias e do reino, o exemplo dos zelosos associados de Ponta-Delgada: e trasladando do seu jornal para o tornar mais cedo conhecido em toda a parte o discurso, que na primeira

sessão a 3 de maio, foi recitado pelo digno presidente: —

» SENHORES — A Agricultura é tida na maior consideração em todos os paizes civilizados: — com muita mais razão deve sel-o em nossa terra, unicamente agricola.

» A França, a Inglaterra, e a Allemanha olham para a sua agricultura com o maior cuidado e disvelo, não obstante achar-se immensamente desinvolvida a sua industria fabril, — não obstante possuirem um vastissimo commercio: com quanta mais razão pois, nós, que não possuímos nenhuma d'essas riquezas, devemos cuidar em activar o melhoramento da nossa agricultura, que se acha tão atrasada!

» Todos vós, senhores, conheceis — a imperfeição dos nossos instrumentos aratorios; todos vós, conheceis — o pouco methodo com que as terras são amanhadas, — o nenhum aproveitamento dos convenientes afolhamentos — a falta total de prados artificiaes, — os inconvenientes que resultam dos nossos gados estarem continuamente expostos á intemperie das estações, — a falta de plantios florestaes, — emfim outros muitos defeitos, que se encontram no nosso systema d'agricultura.

» Nem nos admire este atraso: as principaes causas, a nosso vêr, são — o pouco desinvolvimento da instrucção primaria, — o curto prazo por que são feitos os arrendamentos das terras, — a falta d'uma associação, que aconselhasse, e desse ao mesmo tempo o exemplo aos nossos pouco illustrados lavradores, — e a pouca protecção, que esta classe tem merecido do governo: para remediar estes males, é que alguns individuos se reuniram, e formaram a sociedade promotora d'agricultura michaelense.

» Antes de vos narrar o pouco que temos feito, julgo do nosso dever explicar-vos a razão, porque a sociedade não procurou logo dar-se maior desinvolvimento: ella intendeu que, — quanto maior fosse o numero de seus socios, tanto mais demorada seria a discussão dos seus estatutos, e para evitar a perda de tempo tratou de os organizar: não os considera perfectos, antes reconhece que a experiencia e a pratica lhes farão de certo apparecer defeitos, que as vossas luzes muito concorrerão para serem remediados.

» Passo a dar-vos um pequeno esboço dos trabalhos d'esta sociedade.

» Na sua primeira sessão nomeou uma direcção, composta de cinco membros, presidente, vice-presidente, secretario, vice-secretario, e thesoureiro, e a encarregou da factura dos estatutos, que effectivamente foram apresentados, discutidos, e approvados pela sociedade, e mandados imprimir.

» Determinou, que o minimo da quotisação fossem 6\$000 rs., deixando á generosidade de cada socio, — ao seu amor pela agricultura, — ou aos maiores lucros que d'ella lhe possam resultar, o contribuir com uma maior somma.

» Constando que o arroz se dava no nosso paiz, e julgando a sociedade conveniente a introducção d'esta nova cultura, deliberou, que se cultivasse, e effectivamente mandou cultivar, para experiencia, um alqueire de terra na villa da Ribeira Grande.

» A sociedade, attendendo aos grandes danos e prejuizos causados pelos passaros damninhos, entendeu fazer um grande serviço á agricultura, procurando extinguil-os, ou diminuil-os consideravelmente; para alcançar este fim, nomeou uma commissão, e encarregou-a de apresentar um — Projecto de postura, e regulamento para a sua execução, — cujos trabalhos depois de discutidos, e approvados foram offerecidos ás diferentes camaras d'esta ilha, rogando-se-lhes, o dar-lhe execução com as alterações, que lhes parecessem adequadas. A sociedade intendeu, que a execução d'estas posturas tornaria mais facil o recenseamento dos terrenos sujeitos á contribuição, e ao mesmo tempo mais exacta a sua cobrança.

» A sociedade, para animar a extincção da praga, estabeleceu um premio de 7\$200 rs., e outro de 4\$300 rs. aos dois homens, que mostrarem ter vendido maior numero de cabeças de praga.

» A sociedade, tendo em vista as grandes vantagens, que resultariam da cultura de plantas oleiferas, empregou-se no estudo das mesmas, e resolveu mandar vir algumas sementes, para se fazerem as precisas experiencias.

» Suscitando-se a questão sobre se — seria necessaria a aucto-
» rização do governo para a existencia legal d'esta sociedade,
» resolveu enviar os seus estatutos ao governo civil, deixando,
» por ora, esta questão sobre-estada: na proxima sessão eu
» chamarei a vossa attenção sobre este objecto.

» A sociedade tomou conhecimento da proposta do Sr. José
» do Canto, sobre a — Plantação d'arvoredo nas margens das
» estradas; — foi discutida, e approvada, mas não se tractou
» de a levar a effeito, porque se entendeu necessaria a coope-
» ração dos novos socios.

» A sociedade, tendo approvado uma proposta do Sr. André
» do Canto, tendente á factura d'um — Calendario do lavra-
» dor —, nomeou uma commissão encarregada de colher as in-
» formações, e esclarecimentos necessarios para o exacto co-
» nhecimento do actual estado da nossa agricultura.

» Approvou-se tambem outra proposta do mesmo socio, para
» a factura d'uma — Memoria sobre as laranjeiras —, e man-
» dou-se imprimir tanto a mesma proposta, como os quesitos
» que d'ella faziam parte, a fim d'alcancar o maior numero
» d'esclarecimentos sobre a cultura d'estas arvores que tão uteis
» nos são.

» Approvou-se a proposta do Sr. José do Canto sobre a —
» Publicação d'um periodico d'agricultura —: a sociedade in-
» tendeu que uma tal publicação seria da maior conveniencia
» para a divulgação dos conhecimentos agricolas, e o mais po-
» deroso auxilio para levar a fim o seu intento, incumbiu a di-
» recção de realisar esta proposta: a direcção tem o gosto de
» annunciar á sociedade, que em breve será publicado o *AGRI-
» CULTOR MICHAELENSE*: a direcção reconhece com prazer que
» o bom exito d'este negocio é devido em grande parte á coope-
» ração do Sr. J. do Canto.

» A sociedade acha-se hoje constituída d'uma maneira tal,
» que é muito de esperar consiga o fim para que foi creada; as
» pessoas as mais influentes, pelos seus conhecimentos e rique-
» za, fazem parte d'ella, — animados da melhor boa vontade,
» — verdadeiramente amantes do seu paiz, — desejando vêr sair
» a agricultura da apathica rotina, e desamparo em que até
» agora tem jazido: é muito d'esperar que não pouparão esfor-
» ços, e fadigas para levar ávante uma empresa tão honrosa,
» como util. Além do interesse geral, não interessais particu-
» larmente vós possuidores das terras? Não estão intimamente
» ligados os vossos interesses com os dos lavradores das vossas
» terras? Não vos convém que ellas sejam cultivadas de manei-
» ra que se lhes extraia a maior somma de productos? Ao lado
» d'esta questão d'interesses materiaes, está a do interesse mo-
» ral: se todos tiverem pão para comer, — se todos tiverem
» um tecto, que os abrigue da intemperie das estações, e não di-
» minuirão consideravelmente os incentivos do crime? As vossas
» propriedades não estarão mais seguras? Se melhorardes o
» actual systema de cultura tereis d'empregar mais braços, e
» não vereis os vossos filhos ir-se, escravos, morrer á mingoa
» nos certões do Brazil. Que gloria não será a vossa se conse-
» guirdes evitar essa emigração, a que a força d'um governo
» não tem podido obstar, apesar de rigorosas medidas?!

» Se a vossa assiduidade e zêlo não esfriar, como nós muito
» acreditamos, fareis de S. Miguel um dos paizes mais ricos
» do mundo: não tendo nem minas, nem fabricas, nem boas
» estradas, nem dóca, nem um bom porto, nem outras vanta-
» gens, que tornam um paiz florescente, rico, e opulento, —
» a sua fertilidade, o seu clima é tal, que apézar do atraso
» que já vos fizemos notar e que todos vós conheceis, ainda as-
» sim elle não cede a palma aos paizes mais prosperos da Eu-
» ropa.

¿ Para que serve uma sociedade d'agricultura?

I. « Ha 399 annos, que a ilha de S. Miguel foi, por mãos
» do infante D. Henrique, arrancada de sua erma solidão, e
» entregue ao dominio humano, — ao seu machado assolador,
» á sua cobiçosa exploração, — ao seu interesse insaciavel.

» A abundancia na palhoça do pobre, — a riqueza na caza do
» abastado, — a alegria do bem-estar no rosto de todos os mi-
» chaelenses, ainda nos não desampararam no lento perpassar
» de tão longo praso.

» N'este decurso de tempo, desbravaram-se as nossas serras
» do poente, lançaram-se vias de comunicação; as edificações,
» que tão apinhadamente cobrem as nossas bastas povoações,
» fabricaram-se, — accumularam-se fortunas colossaes; e todo

» este avultado cabedal de riqueza foi extraído das entranhas da
» terra com o arado do lavrador, — com as nações d'agricultu-
» ra, herdadas de paes e avós, — sem auxilio immediato das
» leis, — sem illustração especial, — sem innovações, — sem
» associações agricolas, — e apesar dos vociferadas rotinas,...

» Para que são pois sociedades d'agricultura?!

» Estas reflexões fazem-n'as, talvez não ousem proferil-as, a
» maior parte dos nossos lavradores. E porque em taes objec-
» ções, apesar do vicioso da deducção, ha, para quem não
» olhar a futuros nem accidentes, algumas razões robustas, é
» mister debatel-as, e corrigir-lhes as consequencias, para que
» os intendimentos considerem as coisas em seu verdadeiro as-
» pecto.

» Mencionaremos essas consequencias:

» A sociedade promotora da agricultura michaelense é um
» luxo desnecessario, — é mais um corollario da mania das as-
» sociações, — o resultado hão de ser palavras, — o seu influxo
» nullo, se não anarchico.

» É dura a sentença! Mas aprazemo-nos em crer que taes
» agoiros em breve os hemos de exconjurat. Sigámos a esteira
» dos successos, porque os varios periodos da nossa agricultura
» demonstrarão, se é ou não inutilidade o estabelecimento da
» sociedade, de que tractamos.

II. (1450) A primeira época do bosquêjo que pertende-
» mos traçar, offerece-nos o aspecto commumissimo d'uma ilha
» deserta, — recém-achada. Exuberancia incrível; — aquella fer-
» tilidade, com que despojos vegetaes de centenaes d'annos
» enriquecem o sollo; — a caça de todos os generos abundantis-
» sima e mansa; — as costas e enseadas trasbordando de pesca-
» do; — uma sociedade na infancia; — e homens, alheios a ne-
» cessidades ficticias, a quem bastava o pão que a terra quasi
» espontaneamente produzia, e a carne colhida nas monterias
» — seu unico divertimento: e, que, satisfeitas estas precisões
» da natureza, desconheciam o goso de todos outros acepipes,
» e regalos.

» O forçoso viver d'estes homens era o agricola: porém que
» progressos deviam, ou queriam elles fazer na arte d'agri-
» cultar, se o chão — sem preço, — apenas roteado, — com a
» semente mal lançada, lhes dava ainda vinte vezes mais o de
» que careciam? — se este sobejo não tinha valor, nem empre-
» ngo, nem permutação, pois que nada mais precisavam? — se
» este excesso era prodigamente desbaratado e lançado ás aves
» em as cearas novas se aproximando? Com que outros traba-
» lhos amanhariam a terra, — que novas culturas tentariam, se
» o fructo de suas leves fadigas era tão inutil, e desmesurada-
» mente recompensado! Certo que, se por estes tempos fosse
» possivel a idéa d'uma sociedade d'agricultura, o seu acolhi-
» mento seria o d'uma grosseira e inepta sandice.

» (1470) Correram annos: o chão caçado do trato rude abai-
» xou de fecundidade; — a povoação favoneada do bom clima
» augmentou, e estendeu-se; — as planicies e os picos visinhos
» das povoações romperam-se: — as datas das — sesmarias co-
» meçaram de ser mais escassas, e os terrenos d'encarecer; —
» ao mesmo tempo as embarcações ainda convidadas da barate-
» za, apertavam ás nossas costas, e carregavam-nos o que
» não consumiamos; eis-aqui estabelecido o commercio, — o in-
» citador perenne da industria. As divisões de jerarchias prin-
» cipiaram de crear-se, e logo as vieram discriminar commo-
» dós, gozos, e fruições d'outra casta. Já então se não deixa-
» vam aciute grelar nas ciras, ao rigor do inverno, os — fres-
» caes — de trigo; mas ainda se não duvidava de dar a trôco
» d'um barrete de lã vindo do Algarve, ou d'uns çapatos de
» pelle de carneiro, moios, e moios de trigo. Quando a natu-
» reza tão largamente correspondia ao suor do lavrador, o qual
» assim dissipava os seus preciosos dons, ainda seria louco ana-
» chronismo melhorar a agricultura. Com que intuito!? As ge-
» rações d'esse tempo eram felicissimas para buscarem na scien-
» cia social, recurso a males que ignoravam. — Era verde a
» conjunctura!

» (1500) Com o andar do tempo foi-se a face d'este quadro
» deambulando, e nascendo a industria. Já não bastava possuir
» centos de moios de trigo, — não era sufficiente cada qual de-
» pendurar uma rez ao umbral da porta para se abastecer de
» carne para a semana; desinvolvida, e muito, estava a ambi-
» ção d'accumular, — o trafico fizera subir o trigo a 35000 rs.
» o moio, — e os faustos, e sumptuosidades não eram tão apou-

» cados, que algum governador (Rui Gonçalves da Camara) não despendesse na sua ida á corte 20\$000 crusados. — Com tudo, ainda estes tempos eram dourados, nem a pobreza era palayra com significação real, e exemplos diários; todos tinham que comer, e com fartura portugueza. Os principaes da terra residiam no campo, entre os lavradores, e camponeses, não tinham as distrações, que a civilização, e o seculo offercem hoje, — respiravam o ar da madrugada a visitarem os seus campos; e gosavam robustez e saude. Viviam uma vida toda patriarchal, — a sociedade não exigia d'elles como indispensavel atavio — o luxo —; e logravam o repouso domestico, e sobras com que adquirir, para depois vincular, fortunas que no dia d'hoje são rarissimas de se ajuntarem. Com tal facilidade d'enriquecer, — no seio de tanta abundancia, não marvilhava que se não explorassem novos thesoiros, e que se fosse cultivando, conforme a trivial usança, terra tão gaharda e briosa.

» Com tudo, apezar d'essa exterior opulencia houve um intendimento mais previsto, que — antes de ninguem — viu o fundo da cornucopia: esse intendimento era o de Rui Gonçalves da Camara, quinto capitão da ilha de S. Miguel.

» Por 1520 e tantos (suppomos nós) mandára elle trazer de Tolosa em França a semente do pastel (isatis tinctoria).

» (1535) Decorridos obra de sessenta annos, aquella sementinha, — talvez escarnecida ao principio, — agora, — propagada, — multiplicada em quantidade espantosa, — abençoada de todos, produzia annualmente 60:000 quintaes de pastel no valor de 160\$000 crusados. Por esse mesmo tempo o trigo das colheitas orçava apenas por um valor de 200\$000 crusados.

» Os direitos do — assuquere, como então se escrevia, montavam, por esta mesma época a 1\$500 crusados.

» Estes factos demonstram sobejamente, que não sería, n'esta conjunctura, de todo perdida, uma reunião d'homens zelosos da ventura da patria, os quaes vigiassem o bom aproveitamento do solo, e não deixassem ao acaso o que só devia ser filho da reflexão.

» Emquanto a exploração dos certões do novo mundo ía lenta, — a tinctuaria e manufacturas da Europa não prescindiam do pastel como tincta, e mordente, foi esta industria para S. Miguel um manancial fecundissimo dos mais grossos cabedades. Ainda então não mingoavam misteres, e officios, em que todo o genero d'ambições se fartasse; coisa vã sería pois, em épochas tão falhas d'illustração, e consequentemente de previsão, esperar que nossos avós se demorassem a contemplar o futuro, e a emendar com antecedencia o que o rodar dos annos lhes poderia acarretar de funesto, e inesperado. O futuro mostrou o erro. A America continuava a ser a mira de todos os espiritos ardentes, e curiosos; — era percorrida, e devassada em todos os sentidos; — as descobertas multiplicavam-se inauditamente; e agora a tribu das Anileiras, logo as canaveaes do Sacharum officinarum (cana d'assucar), vieram dar garrote á nossa industria, que — debilitada, — consumida pouco a pouco pela carestia dos terrenos, e maneio, não podla disputar parelhas com os generos americanos.

» Ficámos reduzidos ao antigo estado, — aos cereaes, posto que já n'este numero figurava o — milho — cuja generalidade de cultivo tinha muitos annos sido demorada por longos preconceitos. Necessariamente sería este um periodo de deploravel apathia, e inanição para todas as classes do povo.

» Os rendimentos baixariam de salto: os braços da pobreza esperguçar-se-hiam ociosos; a estagnação de todo o genero de productos sería infallivel, e a decadencia — universal.

» Como quer que fosse, volvêmo-nos aos primarios recursos, — amoldámo-nos ás circumstancias, e, em breve, a Providencia, abandonando Portugal ás devastações da guerra, — desamparando-lhe os campos, — entregando-o aos trauses da adversidade, veio proteger-nos por feição, apezar de tudo, bem amarga.

» O certo é, que desde a decadencia do trato do pastel, e asstar, até ao recente estabelecimento do commercio das laranjas, cifraram-se todas as nossas negociações na exportação de cereaes e legumes para Portugal, e seus dominios. Não foi esta uma época florecente; mas atravessamol-a, por aquella triste condição que memorámos, sem lhe sentir toda a

» asperesa. Foi uma verdadeira crise, a que escapámos, quasi por mero azar: não confiêmos nas repetições!

III. » Nos fins do passado seculo encetou-se o commercio d'um pómo que, desde 1580, florescia virente nos pomares de todos os que podiam sacrificar o deleite á utilidade — a laranja. —

» Com effeito já em 1530, possuia Jorge Nupes Botelho, na sua fazenda de Rosto de Cão, hja pertencente ao Sr. Francisco Leite Botelho de Teive, um pomar com cento e septe laranjeiras — afóra muitas outras arvores fructeiras.

» Este commercio em boa hora estreado, e continuado auspiciosamente, veio dar a S. Miguel uma opulencia, e prosperidade que ninguem ousára acreditar, e que nem todos acreditarão.

» Sessenta e quatro contos de réis distribuidos pelos proprietarios de mattas, — pelos serradores e carpinteiros, — por todas as creanças que excedem quatro annos d'idade — por todos os braços vigorosos disponiveis no inverno, — por todos os arceiros, — e por todos os homens do mar: deseseis contos de réis conferidos a escripturarios, agentes, inspectores, e mais assalariados indispensaveis em commercio de fanta lantubação: — duseis contos de réis dissimados por centenas de proprietarios de quintas: — as commissões (de 20 p. cento?) sobre o primeiro custo e costeamto de todas as remessas encommendadas de Londres: — os lucros que, ordinariamente, revertem para os que, por seu risco, tractam este negocio: — o trabalho, que offercem as immensas e continuadas plantações que por quasi toda a ilha se fazem; — os melhoramentos que o terreno recebe; — e os capitães que, por esta via, entram no giro; — eis, em resumo, o que devemos ao commercio da laranja.

» Eis, o que produz o asafamado trafico da estação invernos, — eis o que apinha de veilas a nossa costa, — o que dá de comer a milhares d'habitantes, — o que dá a riqueza e a vida á nossa patria, — o que nos constitue excepção singular no meio da lamentavel pobreza de Portugal e seus dominios.

» Mas lancêmos para longe a vaidade! Se esta fonte de thesoiros seccasse, como lhe havíamos de supprir o desfalque?

» Michaelenses de todas as classes, parae a considerar esta hypothese com toda a madureza, e respondei-nos.

» Poupar-vos-hemos a magoa de responder. Uma hora de reflexão; e continuaremos.

» Portugal, cançado d'estragos, e amestrado por diuturna experiencia, cuida de si, e de seus campos; — e apezar de reprimido o contrabando hispanhol, cresce d'anno para anno a dificuldade de dar extracção aos generos que superabundam ao nosso consumo interno, e seus preços tornam-se cada vez mais fluctuantes, — o valor dos terrenos tem ido a um galarim incrivel, os rendimentos tem duplicado, e o custo de todos os generos tem ainda augmentado em maior medida: — a população, sendo annualmente dizimada pela emigração para o Brazil, recresce em demasia; se pois, n'estas circumstancias, a epidemia que, ha pouco, grassou por todos os pomares de laranjeiras, houvesse sido, ou mais violenta, ou menos remediavel; — se a Inglaterra, por um baldão da fortuna, não tanto impossivel, que não haja para elle sufficiente fermento, decaísse de sua colossal grandeza e opulencia; — se a laranja que regala o paladar fosse rejeitada pelo pão que mata a fome... qual sería a nossa taboa de salvação?

» Resoiver este problema, eis-ahi, em summa, a verdadeira e árdua missão da sociedade promotora d'agricultura michaelense.

» Se houve época, em que uma associação d'esta natureza fosse proveitosa, — hoje — não é só de proveito, mas imperiosamente a reclama a continuação da nossa prosperidade. O rápido bosquêjo que fizemos, contém (pensamol-o) bastante massa d'idéas, que depois de levedadas, não nos deixarão mentir.

(Concluir-se-ha.)

ESCHÓLA DO DOMINGO, GRATUITA

(Communicado.)

2331 TENDO sido tão notorios e applaudidos os proficuos resultados que das eschólas do domingo instituidas em Inglaterra pelo filantropico Baikes, tem provindo nos

paizes mais cultos, e desejando o proprietario da obra — Collecção de Memorias relativas ás façanhas dos portuguezes na India — introduzir n' este reino tão uteis eschólas, offereceu os lucros d' esta publicação, para a criação de uma eschóla do domingo: muitas pessoas benemeritas nacionaes e estrangeiras subscreveram e acceitaram esta obra; porém sendo ella muito dispendiosa, em razão de ter 18 estampas e outros tantos retratos, além das memorias impressas, apenas a subscrição e venda avulsa foi sufficiente para cobrir as despesas; não obstante isso, contando com o firme apoio, e as luzes das pessoas philantropicas e illustradas de todas as nações, e de todas as opiniões, vacou abrir-se em Lisboa uma aula gratuita do domingo.

Para se formar uma idéa da sua importancia cumpre notar que sómente na Grã-Bretanha se contam treze mil eschólas com 1.500.000 discípulos, nos Estados-Unidos mais de 4.000.000 de discipulos, não sendo menos na Alemanha, e em outros Estados onde tem si lo introduzidas tão salutares eschólas.

Todas as pessoas de ambos os sexos; que desejarem frequentar a eschóla do domingo, que se vaca abrir em Lisboa, onde gratuitamente conseguirão a instrucção primaria, isto é, lér, escrever, contar, os deveres civicos e religiosos, os elementos da nossa historia, de geographia e do desenho, podem ir matricular-se na rua do Poço dos Negros n.º 56, primeiro andar, desde as oito horas da manhã até ás duas da tarde: alli se indicará o local da aula, e o dia da sua abertura.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

DOTES POR LEGADO.

30 DE NOVEMBRO DE 1676.

2332 João Vanganipe, padroeiro da capella de N. S. da Piedade, na egreja dos Martyres de Lisboa, deixou em seu testamento cinco dotes de cinquenta mil réis cada um, para serem dados á sorte todos os annos, dois em dia de S. João, dois em dia S. André Apostolo, e um em dia de Santa Barbara, a moças donzellas orphãs de paes, filhas ou moradoras da freguezia, honestas e recolhidas, preferindo sempre as mais bem parecidas, por correrem maior risco.

Para o que, os irmãos da meza faziam annualmente selecção das pretensoras, tendo precedido as devidas informações; e postos os seus nomes para cada um dos mencionados dias, em cédulas cerradas e lacradas, se mettiã em um cofre de prata, para isso especialmente deputado.

A extracção se fazia assim: na capella indicada, celebrava-se missa a que assistia a meza, e o andador da irmandade, que levava o cofre das sortes. Como acabasse a missa, presentava-o ao celebrante, na salva de prata em que iam as petições das escolhidas: o sacerdote, recebia-o, e depois revolvia-o muito bem, tirava as sortes, li-as, e entregava-as ao escrivão que publicava o nome das dotadas.

Mui digno é d' esta honrosa memoria, o nome de tão christianissimo testador. A clausula porém, de serem preferidas as *mcninas bonitas*, parece-nos desarrasoada, por que essas já estão dotadas pela natu-

reza, e as *feas* é que não mister de ser dotadas pela fortuna.

Submettemos esta ponderação ao juizo dos futuros testadores: e como o fazemos a prol da boa razão, ou sadamente nos arriscamos ao desagrado das formosas, se porventura isto nos levarem a mal.

A. da Silva Tullio.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

(Continuado de pag. 40.)

ADVERTENCIA.

¿ É a VIAGEM NA MINHA TERRA obra politica e partidaria para deverem estranhar o vel-a em nossa folha?!

Eis-aqui a este respeito candidamente a nossa opinião.

O auctor, é um dos sectarios sabidos e confessados da opposição. No seu escripto dá testemunho d'isso mesmo: mas o seu escripto ainda assim, não deve ser havido como politico. Em obras litterarias e poeticas do genero d' esta, ao revéz das obras scientificas, technicas ou de qualquer outro modo didacticas, o stylo é o fundo principal e ás vezes o todo: a doutrina occupa o segundo logar e ás vezes nenhum; é como em certas musicas: agradam e não se lhes pergunta pela tróva.

Se a VIAGEM NA MINHA TERRA val como romance bem está, e bem estamos; — o restante que lembre em furta-côres as da esquerda, as da direita, ou as do centro — pouco mal e pouco bem virá por ahí á republica: que nem já hoje se transformam opiniões com palavras, nem com duas ou tres phrases desgarradas no meio de uma relação leve e faceta se hão de ellas nunca transformar. Os que tomarem a politica pelo caroço d' este fructo litterario, comam-n'o deitando fóra o caroço; — os que a julgarem casca, comam-n'o sem a casca — os que a tomarem pela pólpa não n'o comam, — e temos correntes as nossas contas.

A Redacção.

V.

2333 ¿ ESTE é que é o pinhal da Azambuja? — Não póde ser. — ¿ Esta, aquella antiga selva temida quasi religiosamente como um bosque druidico! — E eu que em pequeno nunca ouvia contar historia de Pedro de malas-artes que logo em imaginação lhe não pozesse a scena aqui perto. . . . eu que esperava topar a cada passo com a cova do capitão Roldão e de dama Leonarda. . . . ¿ Oh! que ainda me faltava perder mais esta illusão. . . . ¿ Onde estão os arvoredos fechados, os sitios medonhos d' esta espessura? Ainda não encontramos um só homem morto, uma só dona dolorida atada ao tronco de uma arvore. Não póde ser, não póde ser. . . . — ¿ Uns poucos de pinheiros razes e infezados atravez dos quaes se estão quasi vendo as vinhas e olivedos circumstantes! É o desappontamento mais chapado e solemne que nunca levei na minha vida, uma verdadeira logração, em boa e antiga phrase portugueza.

E comtudo aqui é que devia ser, aqui é que é, geographica e topographicamente fallando, o bem confrontado sitio do pinhal da Azambuja. . . . ¿ Passaria por aqui algum Orphên que, pelos magicos poderes de sua lyra, levasse atraz de si as arvores d' este antigo e classico Ménalo dos salteadores lusitanos?

Eu não sou muito difficil em admittir prodigios

quando não sei explicar os phenómenos por outro modo. O pinhal da Azambuja mudou-se. Qual, d'entre tantos Orphêus que a gente por ahí vê e ouve, foi o que obrou a maravilha, isso é mais difficil de dizer. Elles são tantos, e cantam todos tão bem! Quem sabe? Junctar-se-hiam, fariam uma companhia por acções, e negociariam um emprestimo harmonico com que facilmente se faria então o milagre. É como hoje se faz tudo; é como se passou o thesoiro para o banco, o banco para as companhias de confiança e desconfiança; porque se não faria o mesmo com o pinhal da Azambuja?

— Onde está elle então? — faz favor de me dizer? — Sim senhor, digo: *está consolidado*. E se não sabe o que isto quer dizer, lêa os orçamentos, veja a lista dos tributos, passe pelos olhos os votos de confiança; e se depois d'isto, não souber aonde e como se *consolidou* o pinhal da Azambuja, abandone a geographia, que visivelmente não é a sua especialidade; e deite-se á finança, que tem *bóssa*; — fazêmol-o eger ahí por Arcozelho ou pela cidade eterna: — é o mesmo: — vae para a commissão de fazenda: — depois lord do thesoiro, ministro: é *escalla*, não offendia nem a rabujenta constituição de 38, quanto mais a Carta!

O peor é que no meio d'estes campos, onde Troia fôra, no meio d'estas areias, onde se acoitavam d'antes os pallidos medos do pinhal da Azambuja, a minha querida e bemfazeja traquitana abandonou-me: fiquei como o bom *Xavier de Maistre* quando, a meia jornada do seu quarto, lhe perdeu a cadeira o equilibrio, e elle caiu — ou ia caindo, já me não lembra bem — estatellado no chão.

Ao chão estive eu para me atirar, como creança amuada, quando vi voltar para a Azambuja o nosso commodo vehiculo, e diante de mim a enfezada mulhinha asneira que — ai de mim! — tinha de ser o meu transporte d'alli até Santarem.

Emfim, o que ha-de ser, ha-de ser, e tem muita força. Consolado com este tão verdadeiro quanto *elegante* proverbio, levantei o animo á altura da situação e resolvi fazer próva de homem forte e supportador de trabalhos. Bifurquei-me resignadamente sobre o ciliçio do esfarrapado albardão, tomei na esquerda as impermeaveis redeas de coiro cru, e lancei o animalêjo ao seu mais largo trote, que era um confortavel e amenissimo choito, digno de fazer as delicias do meu respeitavel e excentrico amigo, o marquez do F. — Tinha a bossa, a paixão, a mania, a furia de choitar aquelle notavel fidalgo — o ultimo fidalgo homem de lettras que deu esta terra. Com a sua morte ficou plenamente habilitada a aristocracia portugueza para exercer o pariato e o transmittir hereditariamente sem perigo de degeneração. Mas adorava o choito o nobre marquez. Conheci-o em Pariz nos ultimos tempos da sua vida, já octogenario ou perto d'isso: deixava a sua carruagem ingleza toda mollas e confortos para ir passear n'um certo cabriolet de praça que elle tinha marcado pelo secco e duro movimento vertical com que sacudia a gente. Obrigou-me um dia a experimental-o: era admiravel. Communicava-se da velha horsa normanda aos varaes e dos varaes á concha do carro, tão inteiro e tão sem diminuição, o choito do execravel Babiéca! Nunca vi coisa assim. O

marquez achava-lhe propriedades toni-purgativas: eu classifiquei-o de violentissimo d'ástico. — Foi um dos homens mais extraordinarios e o Portuguez mais notavel que tenho conhecido aquelle fidalgo.

Era feio como o peccado, elegante como um bugio, e as mulheres adoravam-n'o. Filho segundo, vivia de seus ordenados nas missões porque sempre andou, tractava-se grandiosamente, e legou valores consideraveis por sua morte. Imprimia uma obra sua, mandava tirar um unico exemplar, guardava-o e desmanchava as fôrmas. . . . — Não acabo se começo a contar historias do marquez do F.

Piquemos para o Cartaxo, que são horas.

A. G.

(Continuar-se-há.)

NOTICIAS.

ESTRANGEIRAS.

2334 A HISPANHA vae caminhando para a quietação. De tantos povos levantados só Barcelona se conserva de pé, mas ameaçada de queda proxima. Os nomes dos facinorosos que tentaram assassinar Narvaez, são já sabidos, mas a auctoridade não pôde ainda havel-os ás mãos. Aquelle assassinio era apenas parte de um plano de feroz conjuração. Como Narvaez, muitos outros cabos de guerra illustres tinham de ser mortos em diversos logares de Hispanha e ao mesmo tempo. Mas tudo finalmente abortou.

ACTOS OFFICIAES.

2335 *Diario do Governo de 16 do corrente*. — DECRETO approvando o contracto em que o emprezario da ponte pensil do Doiro transfere os seus direitos para outra companhia. Contracto a que se refere o decreto supra. Providencias sobre as leis de estradas. Portaria sobre aboletamentos. Decreto organisando um batalhão de artilheria em Cabo Verde. Venda de bens nacionaes.

Idem de 17. — DECRETO approvando o orçamento da Camara municipal de Lisboa. Outros estabelecendo na fóz do Arêlho um posto de fiscalisação. Portaria dando providencias sobre direitos de mercadorias na raia secca. Outra sobre pagamentos de direitos de generos na Figueira. Decreto approvando os estatutos da Sociedade Patriótica dos baldios das novas conquistas. Venda de bens nacionaes.

Idem de 18. — RATIFICAÇÃO de um tractado de commercio entre a Turquia e Portugal, aos 17 de abril d'este anno. Venda de bens nacionaes.

Idem de 20. — Venda de fóros e pensões.

Idem de 21. — PORTARIA para que no pedestal da Estatua Equestre se ajuncte ao nome do auctor d'ella Joaquim Machado de Castro e do seu fundidor Bartholomeu da Costa. Venda de fóros e pensões.

VISITA REAL.

2336 No ARTIGO 2314 foi dicto, por equivocação, que S. M. Elrei D. Fernando fôra á Academia-das-Bellas-Artes vêr o quadro do Sr. Fonseca. O quadro não se acha ainda na Academia, mas na caza de seu auctor, d'onde só ha-de sair depois de completo. Foi portanto a propria caza do artista, a que S. M. pro-

curou. — Nobre exemplo que honra ainda mais ao visitador que ao visitado.

ANNUNCIO.

2337 O auctor dos QUADROS HISTORICOS DE PORTUGAL, em resposta ao que muitos de seus Assignantes continuamente lhe perguntam, pelo correio, declara que a interrupção, que n'esta obra tem havido, proveio de causas todas alheias e contrarias á vontade do auctor, e para elle insuperaveis; — que entretanto é propósito seu, assentado, firme e certissimo, continual-a e proseguil-a com a maxima regularidade e os minimos intervalos, apenas outras obrigações contraídas, sagradas e irrevogaveis, lh'o consentirem.

Como porém lhe não é dado marcar, desde já, o praso, em que ha-de recommençar, — agradecendo a seus Leitores o interesse, que geralmente lhe tem mostrado, porque a sua obra não pare, — roga áquelles de seus Assignantes, a quem for molesto o esperar, e que desejarem receber algum remanescente do que houvessem adiantado, por conta da sua subscrição, — caso em que se não acham senão pouquissimos e com mui tenues quantias — tenham a bondade de o participar — para serem promptamente satisfeitos.

Com o presente annuncio se dá o auctor e proprietario dos QUADROS HISTORICOS DE PORTUGAL por desobrigado de andar incommodando, com respostas particulares pelo correio, aos Amigos da sua obra e seus.

DONA MARIA DE ALENCASTRO.

Drama original em 3 actos pelo Sr. Mendes Leal Junior.

2338 É singella e pobre a flôr que desejavamos bem mimosa e rara para entrançar na corôa poetica do nosso esperançoso talento dramático: — não lhe realçará de certo a belleza, não lhe accrescentará a valia que não pôde ser; mas agreste e ingenua como é, servirá de testemunho da nossa verdadeira admiração: não temos mais que offerecer; porém quando vem do coração, o pouco satisfaz pelo menos tanto como os maiores thesoiros, desbaratados por mão larga e indifferente.

Já n'outro jornal comparámos a uma anterior esta peça do Sr. Mendes Leal: já quanto nos consentiam os limitados âmbitos de uma folha diaria a considerámos á luz da época actual e suas tendencias; reportâmo-nos em tudo ao parecer, que publicamos em o n.º 432 da *Restauração* sobre o drama D. Maria de Alencastro: — as reflexões, que hoje aventuramos na *Revista*, são filhas de uma sincera opinião, guiada por maior estudo e mais assentada analyse: muito diríamos ainda, se não fosse impropria de um jornal d'esta natureza a extensão, que semelhantes materias requerem; ficará portanto para largamente ser tractado n'um livro, o que de si mesmo demanda e exige a meditação de obra grave: este livro que *sobre o nosso theatro e seus progressos*, talvez um dia arrisquemos em publico, não só olhará imparcial para o passado, mas ousamos affiançar que não sairá menos recto na critica da arte, no que respeita o presente. É o fructo de sérias investigações, e reflectido estudo, que de novo determinámos atar no ponto em que outras occupações, não de todo alheias das letras o trunca-ram, uma natural inclinação, por este ramo tão vi-

çoso da poesia ainda mais poderosamente nos impelle a consagrar-lhe exclusivamente o nosso tempo e cuidados; esta resolução havemos de levar-a ao cabo, e nem a falta de conhecimentos, nem a pobreza de ingenho, que já confessamos d'aqui, nos poderão desalentar, ou demover de tão decidido propósito.

O theatro é para um povo livre, eschola e recreio: nem todo elle acompanha o progresso intellectual das nações adiantadas: desgraçadamente o nosso é um dos que não foram bem fadados; a instrucção, que em outras partes se considera geral e commum, é n'este reino excepção e um como patrimonio de poucos eleitos; não vem ao caso agora indagar as causas, que são remotas e proximas; basta estabelecer o facto, e crêmos de boa mente, que ninguem o negará.

Na Allemanha estão-se representando com extremo applauso as severas tragedias do theatro grego, com todo o seu esplendor, com toda a pomposa formosura da sua Melpomene: a traducção litteral, theatro armado á feição do antigo, até a melopéa, senão a mesma, pelo menos muito parecida á d'Athenas; — emfim Eschilo e Euripedes! e aquelle povo bateu-lhe as palmas, e saudou com fervor passados tantos seculos a lyrica e a arte hellenica, como ella nasceu e se creou no abençoado sólo da Grecia.

A platéa, que assim se collocou á luz de uma época inteiramente diversa, e inteiramente separada da presente e seu fóco, bem mostra que sabe intender aquella civilisação, costumes e phylosophia, tão oppositas á actualidade palpitante.

Em Munich, Lopo da Vega e Calderon enlevam e arrancam brados de assombro, escrupulosamente vertidos, e conservando em tudo a fórma e os modos naturaes da terra natal da peninsula: mais outra prova do mesmo facto.

Façam aqui outro tanto, e verão! Culpado d'isto é porventura o povo? não é não; se elle nem reconhece, nem percebe aquillo, como querem que o admire! o livro devem-lh'o escrever em linguagem corrente; a sua eschola seja toda nacional como o Gil Vicente; assim rica de lances e acção; porque não está ainda educado para apreciar a analyse subtil das paixões; para levar uma palavra, ou uma situação, embora ella diga mais sobre a época, que o poeta tentou esboçar, do que dez infollios de máu latim de frades: refaçam-lhe a educação, e depois hade ir a par dos outros.

O Sr. Mendes Leal seguiu esta maxima, este dogma do theatro; accommodou o drama á capacidade, ao gosto, e as inclinações da sua platéa: e a correspondeu, applaudindo e victoreando o drama.

As paixões politicas refervem, e transpiram nas obras da arte, postoque seja desacatar-lhe o sacerdoeio: estamos como na meia idade; tudo é allusão, como n'aquelles seculos quasi tudo era allegoria: innocente que adeje o pensamento; pura de má intenção que se grave a phrase, cada qual lhe deita logo o seu sentido: as épocas de lucta, de guerra, e de catastrophe são as que mais lisongeam o publico; os dramas meramente familiares, se não se travam com o viver agitado na praça, ou com o enredo da côrte, d'onde dependa a sorte do reino, ou da nação, que passa na scena, poucas sympathias carêa. — As reacções politicas fazem resair as moraes; e no fundo d'esta tendencia ha realmente uma verdade dramatica, já

compreendida pelo creador da tragedia grega; — as transformações sociaes, ou grandes combates prestam ao drama as cores a animação, a vida, que sem ellas difficilmente alcança; depois entre a scena e o spectador trava-se uma silenciosa relação d'affectos, e o interesse cresce; o desfecho ou se illumina com o romper da aurora do futuro, ou resolve ao mesmo tempo dois problemas; o social pela historia, o moral pelo complemento da acção.

Tambem n'esta parte se encostou o Sr. Leal ao gosto geral, e fez bem. A sua D. Maria de Alencastro, é mimosa, sevéra, e sobre tudo dramatica: fallada n'uma lingua que todos entendem; os characteres não só coherentes e completos, quanto o permitta a estreiteza do quadro, mas o que mais val, graduados no colorido para resair cada um no seu lugar: as situações, senão todas irreprehensíveis: na sua perfeição, milagre que julgamos humanamente impossível, sempre bellas, ricas de lances, e palpitantes de anciedade: — o desenlace de cada acto, calculado com sciencia dramatica, e summo estudo da platéa: o desfecho, que só pelo repentino e tragico se recommenda, ainda mais resulta pela palavra profundamente historica que o encerra — «este tiro foi dado na corôa de Affonso VI!»

Intendemos que alli se devia fechar sem mais uma só phrase; está completa a acção; e resolvida a questão moral pela liberdade e amor de D. João; a politica pelo tiro de D. Antonio — fica depois d'aquella expressão o futuro, na peça que o spectador já sabe qual foi, se uma vez entrou na salla dos paços de Cintra, e viu os tijolos cavados dos passos de um rei captivo.

Os actores esmeraram-se todos; e especialmente o Sr. Epifanio no terceiro acto arrebatá, assim como o Sr. Rosa compreende bem o seu papel, e as situações, traduzindo-as com muita felicidade, e ás vezes natural.

O Sr. Tasso entra graciosamente, e a Sr.^a Talassi no gesto, na paixão, e na voz retrata-nos ao vivo a criação ideal do nosso poeta.

A peça está vestida com muita propriedade, e sem olhar a despesas. *L. A. Rebello da Silva.*

O ROUBO

Drama em 4 actos e um prologo, em beneficio do Sr. Epifanio.

2339 O ROUBO é um drama chistoso, meio serio — meio comico; a verter lagrimas por entre riso; a suspirar uma saudade por entre maliciosos e brandos epigrammas, que ferem as fraquezas e as illusões de uma corte, que não contente de se coroar com o seu glorioso diadema de guerra, e a aureola do genio, rebaixava a sublimidade da sua esphera, e para obedecer ao orgulho, se rodeava dos restos de uma aristocracia caduca, e sem significação.

O pincel que tão leve e gracioso deitou no quadro aquellas alegres cores, que no character de Miguel, novo para nós, mas verdadeiro e profundo, segundo o coração; o pincel que se deleitou na scena das modistas a realçar tão elegantemente o dialogo d'aquellas borboletas de toucador sabe carregar quando convem o colorido, e desenhar com tanta correcção, como natural e characteres tão severos e honestos no serio

como o de Miguel é garrido no meio da sinceridade aldeã ou da rudez da tarimba.

Tão gentil, tão bello, tão corrente o dialogo, que sem forçar a attenção com subtilezas metaphisicas, n'uma lingoagem acomodada a cada personagem, nos transparece com todo o mimo o menor reflexo das paixões que luctam, e das que se disfarçam por meio de rozas, como áspide, para ferir á hora dada e por traição.

O prologo, fallado singelamente, rico de natural, declara os characteres com facilidade e aproveita todos os accidentes para aclarar a acção, desfazendo contradicções, e livelando-lhe o caminho. *Ravennes*, *Gustavo*, e *Margarida* são lindas creações: para contrastes, Miguel, a virtude agreste e sem reboço, como nasce espontanea; o corcunda do hospital, com o riso amarello proprio das creaturas enfermas, que se querem vingar de ter nascido contrafeitas, olhando de revez os outros homens.

Os lances são formosos; as opposições calculadas com muita arte; e o gosto que uniu em ramallete tanta flor, matizando com tacto e sciencia, depurado d'exagerações. Nem anguloso e escuro nem tão simples que decaia em prosa villã; mas sempre no meio termo assisado se conserva o stylo do drama; agradou muito, e offerece um modelo para se acertar por elle especialmente o dialogo, e a maneira de preparar os lances.

O Sr. *Epifanio* encantou pela naturalidade, graça desafectada, e fecundissima comprehensão de todas as tão diversas phases do seu papel; — melhor não se póde ir; e é tanto mais para maravilhar; quanto teve de crear em tudo; e nunca resvalou em caricatura, ou falsou, de leve que fosse, o character do seu personagens.

O Sr. *Sargedas*, aproveitou com tal arte uma parte pequena, estudou com tanto accerto o gesto, a voz preza, e a má catadura do ruim villão, que representa, vencendo mil obstaculos se podéra ser, ainda na criação d'esta figura foi alem da sua conhecida mestria. — É copia em tudo que admite e requer copia — mas é espirituoso, profundo, e soberanamente actor quando o exigem a scena e a situação.

Todos os actores realçam n'esta peça; que se nos figura uma das mais completas pela execução, que n'estes ultimos tempos tem subido á scena.

Recommendámol-a ao publico para recreio e instrucção. *Rebello da Silva.*

NECROLÓGIO MATHEMATICO.

2340 HONTEM, pela uma hora da tarde, passou d'esta a melhor vida o Sr. doctor *Antonio Honorato de Caria e Moura*, lente de astronomia pratica jubilado, e director do observatorio da Universidade, ao cabo de graves soffrimentos de uma molestia pertinaz e diurna. Perdeu a faculdade de mathematica seu mais distincto ornamento, a mocidade um mestre dignissimo, as letras portuguezas um cultor extremado. Era ainda um dos representantes da famosa eschola dos *Monteiros da Rocha*, *Maias*, e *Farias*, contemporaneo dos *Mellos*, *Corvos*, e *Andrades*. Já carregado de annos e molestias, ainda era collaborador, e revisor das *ephemérides astronomicas do observatorio de Coimbra*, que n'outro tempo grangearam á faculdade de mathematica nome e reputação européa. Tinha uma biblio-

theca numerosa, e selectissima, e diz-se que deixa avultado numero de manuscriptos seus de muita valia.

Coimbra 17 de novembro. *Gusmão.*

CAUTELLA COM ARMAS DE FOGO.

2341 A 21 do mez passado, que foi um domingo, um rapaz ordinario do lugar de Cellas, suburbios de Coimbra, para se desenfadar dos trabalhos da semana, pegou da sua espingarda, e foi-se á caça para a banda de Sancto Antonio dos Olivares: depois de alguns tiros baldados e muitas passadas perdidas, entrou n'uma venda para se refocillar com um quartilho de vinho da Bairrada, que pediu logo em entrando. Emquanto a vendeira lh'o media, para beber mais á sua vontade arrumou a arma ao mostrador, mas em tão minguada hora, que, escorregando esta para a parte de seu dono, e lançando-lhe elle desattentadamente a mão para a suster, desarmam-se os feixos; estoira o tiro; e cae redondamente morto o infeliz, despedaçado o queixo e parte do crânco.

EMIGRAÇÃO.

(Carta.)

2342 É NOTORIO quanto o Governo de S. M. se tem empenhado em obstar á emigração dos subditos portuguezes para o Brazil. E tão dignas são de elogio as auctoridades, que para tal o coadjuvam quanto merecem gravissima censura as que se lhe oppoem. De uma e outra casta de empregados temos nós claras mostras n'esta ilha, e especialmente na villa de Sancta Cruz.

O administrador do concelho, que é o Sr. João Peixoto da Silveira, desde que surgiu aqui a escuna brazileira *Concordia* com o fito e empenho sabido de fazer leva de escravaria branca, tornou-a incomunicavel com a terra, officiou ao seu collega da villa das Lages para que desse no caso providencias promptas e acertadas, e tem de dia e noite bem presididos e rondados os sitios mais abertos e expostos á fuga dos illusos para a bocca do dragão marinho que os está fascinando: — elle proprio, despresando as commodidades, que os seus annos já requerem, aparece a deshoras pelas paragens mais perigosas a certificar-se se todos estão no seu officio. Mas, Sr. Redactor, emquanto a auctoridade administrativa assim se comporta a auctoridade judicial, que, ainda hoje, por substituição exerce tão sérias funções, olvidada de seus deveres e desamoravel para com seus patricios, tem ludibriado todos os autos de investigação, com que tão exacto e desinteressado administrador ha procedido; chegando o despreso, que faz do seu bom nome, e do que dirão e dizem as más linguas e as boas, até ao ponto de communicar mui particularmente com o principal corrector ou alliciador, contra o qual havendo sido jurada competentemente uma querella, ha mais de trinta dias, e estando completo o summario ainda hoje não houve pronuncia. Foram presos dois negros e o piloto por conduzirem contrabando: fugiram estes da cadêa, não se procedeu com a celeridade, que o caso requeria e a lei determina: e ainda se continúa a procrastinar sobre o preparatorio do processo para a accusação: emfim tudo são tortuosidades, empates, enalhes, demoras, etc: e para desacreditarem o administrador, que é exemplar dos de seu officio, até ousaram affixar um pasquim, em

que sacrilega e aleivosamente o denominavam *protector da emigração*. Deu-se parte ao juiz substituto de direito e este

Não ficou homem, não, mas mudo e quêdo

E juncto de um penedo outro penedo.

— Por este simples esboço, que V. pelo seu notorio amor ao bem publico não deixará certamente de publicar, verá o Governo o deploravel estado d'esta ilha, e as terriveis e melindrosas circumstancias em que se acha constituida uma auctoridade cujo timbre é a honra; mas que se vê combatida por outra apaixonada, interesseira, connivente e coadjuvada por outros fautores da emigração.

O juiz é cunhado de Antonio Xavier de Mesquita, consignatario da dia sumaca, bem como irmão de Fernando Joaquim de Mesquita, que annunciou para ser procurado por quem quizesse embarcar para o Brazil. — Villa de Sancta Cruz.

Um Portuguez Insulano.

ASYLO DE MENDICIDADE.

2343 Diz o *Peri dico dos Pobres no Porto* de 15 da corrente constar-lhe, estar para effectuar-se n'aquella cidade um projectado hospicio para mendigos, para o que se vae requerer á Camara Municipal o edificio do Matadoiro nas Fontainhas. — Este asylo — diz o redactor — se chega a concluir-se, é de certo uma das melhores obras da cidade.

Tambem nós folgamos com vêr crear nos povoados grandes, estas cazas de refugio: e não ha ahí contradicção com o que escrevemos no artigo 2325 sobre mendigos; eis a nossa opinião n'este particular.

O primeiro empenho da sociedade devêra ser que todos seus membros tivessem pão que lhes bastasse, e o trabalho com que podessem — com a menor quebra possivel dos vinculos naturaes da familia. O segundo, que os que não podessem trabalhar, e não tivessem pão, o recebessem por esmóla certa em sua caza. Terceiro, que não havendo para todos estes serem alimentados no sitio e entre as pessoas de suas affeições, se recolhessem em hospicios, onde o corpo ao menos se achasse satisfeito, bem que o não estivesse o coração. Quarto finalmente, que todos os infelizes, para quem já não houvesse logar n'estes collegios, ou que por prezos a filhos, a pais, a mulher, ou irmãos, não podessem deixar de ser desgraçadissimos no desterro e cárcere de um chamado asylo, se deixassem procurar ao sol de Deus a providencia na alma dos charitativos. Os asylos são bons mas só depois detentados e frustrados os dois primeiros empenhos. Antes d'isso, os não louvaremos nós, que por mal christãos os havemos e por mal philosophicos.

EMIGRAÇÃO DE DINHEIRO FRUSTRADA.

2344 LEMOS nos *Pobres do Porto* de 13 de Novembro: — «Sabbado ás 11 da manhã entrou na alfândega d'esta cidade o dinheiro apreendido ha dias á «Porta Nobre, e que se achava no quartel da municipal: tendo-se aberto, achou-se ser 48 moedas em «cruzados novos, 1678 duros hispanhoes, tudo em «pacotado e sellado, e com todos os signaes de em «barque.»

OFFENSA ÁS LUZES DO PUBLICO PORTUENSE.

2345 A BACCHICA noite entre S. Martinho bispo a

S. Martinho papa, deixou a cidade eterna sem vêr hóia. Um grande numero de seus lampiões foi, não se sabe por quem, despojado dos vidros e apagou-se com o vento.

NECROLÓGIO ECOLESIÁSTICO.

2346 LE-SE nos *Pobres no Porto* de 14 do corrente: —

«Hoje ás 6 da manhã falleceu o Sr. Dr. José Corrêa, secretario de S. Ex.^a o bispo desta diocese, tendo sido sacramentado ás 3 da madrugada. Estava doente ha seis dias. Ao Sr. Dr. Corrêa havia sido offerecido ha tres ou quatro annos um bispado do ultramar, que elle não accitou.»

«Era geral da congregação dos Loyos ao tempo da entrada de D. Pedro, e um dos mais accreditados theologos que nos ultimos annos tem saido das eschólas da Universidade aonde foi oppositor.»

«O Exm.^o Sr. D. Jeronymo ouviu sempre com grande deferencia o seu conselho em os negocios do bispado.»

«Seu comportamento era exemplar, e faz grande falta á sua mãe e irmãs, pois esta honrada familia não se acha em felizes circumstancias. Ha de dar-se amanhã á sepultura nos clérigos.»

NECROLÓGIO PHARMACEUTICO.

2347 A 4 do corrente falleceu o Sr. Gregorio de Sousa Pereira, presidente da Sociedade Pharmaceutica, e cinco vezes reeleito juiz de paz da freguezia de S. Mamede. Era homem sabio, e virtuoso. Tendo havido no seu districto uma demanda entre duas cazas das mais ricas do reino, tal se houve no procurar conciliar-as, que em ambas ficou recebido e tractado como íntimo, e tal ao mesmo tempo se mostrou n'ellas de desinteresse que morreu, deixando pobres a sua viuva e órphãos, a quem fica apenas o seu quinhão no monte-pio pharmaceutico, fundado principalmente por diligencias d'elle.

O seu corpo foi acompanhado ao cemiterio dos Prazeres por todos os seus confrades, e um grande numero de cidadãos, e brindado antes de dasaparecer com uma corôa de flores enlaçadas em fitas amarellas, e com um saudoso discurso do Sr. José Dionisio Corrêa, segundo vice-presidente da mesma Sociedade Pharmaceutica.

NOTAVEL CAZAMENTO CELEBRADO....

NA IMPRENSA.

2348 CORRE, ha dias, na capital, originada não sabemos d'onde, nem como, nem para quê a mais extravagante noticia, que nunca se levantou para regalo de populacho crendeiro.

Sua Magestade Imperial, diz-se, a Viuva de D. Pedro, tem contractado e justo o casamento da Princeza, Sua Filha, com D. Miguel.

Diz-se e escreve-se: — escreve-se e imprime-se: — imprime-se e lê-se. Mas diz-se, escreve-se e imprime-se, rindo; — e não é possivel que se lêa de outra sorte.

NOVO MODO DE JOGAR AS ESCONDIDAS.

2349 Diz a *Revolução de Setembro*: — «No dia 13, pelas quatro horas da tarde, um individuo, por nome Manuel Antonio, entrou n'uma taberna á calçada do Combro, e tendo jantado parece que sofrivelmente, propôz ao dono da taberna — se queria jogar o jogo das escondidas; — e sem esperar pela resposta, tractava de

«se escapar, como principiando o jogo: mas o taberneiro, mais esperto, tractou de o agarrar, e chamou «pela patrulha. O engraçado freguez não tinha um «real para pagar a despeza, que havia feito.»

AMOR MATERNO.

2350 Conhecemos uma cadelinha preta, malfeita, ordinaria, de raça mixta de dogue e de goso, que nenhuma dama tomaria para sua valida, mas que, pelo amoroso de sua indole, pelas excellentes qualidades do seu coração brutinho, poderia envergonhar a muitas e muitas d'ellas. O cão do Louvre, que se deixou morrer sobre a sepultura do seu dono, e o dógue da travessa do Cabral, de que fallámos no artigo 597, que endoideceu, quando viu morto a quem o amava, não fizeram, que a nossa cadellinha não fizesse tambem se algum dia lhe sobreviesse igual infortunio; mas o que nos auctorisa, para dizermos que ella envergonharia, e de certo envergonha a muita mulher, é um exemplo de outro genero — um exemplo de amor materno.

Filena (devemos conservar-lhe o nome) tinha dado á luz dois cãesinhos — um airoso, mas delgado e pequeno, outro pouco gentil, mas grande, forte e roliço. Creava-os a ambos com affecto; mas julgava-se notar n'ella certa predilecção para com o primeiro. Se lh'os tiravam do seu ninho, era sempre este o que ella primeiro ia buscar; deixando o outro sózinho ás vezes por um bom espaço, e não indo tomal-o senão quando os seus chóros a emploravam.

A 6 d'este mez, travessuras infantís de filhos da caza a privaram d'elle. Aquellas creanças desattentadas tinham, sem saber o que faziam, atado ao pescoço do pobre animal, cuja gordura e pouca idade o impediam de andar, um cordel; e d'este modo correram com elle a rastos com grande galhofa e por muito tempo, pelas ruas do jardim; não o deixando, senão quando, com terror, descobriram, que estava morto. Pegou-se n'elle e foram-n'o lançar a mais de quinhentos passos e em diversa rua. A mãe, que ignorava tudo, e que não era costumada a sair de caza, adivinhou pelo instinto do coração, assim a morte como a jazida de seu filho; e poucas horas depois, tinha, no seu covil muito chegado a si, muito agasalhado entre os braços o cadaverzinho regelado, a quem lambia com mais affecto do que ao proprio seu mimoso, de quem por então parecia esquecida. Esperou-se pela hora, em que saísse para comer e a occultas d'ella foram lançar o defunto a dobrada distancia da primeira vez e para sitio, totalmente diverso. Hora e meia depois o filho insensivel recebia outra vez as caricias maternas a par de seu irmão, no recantinho do seu nascimento.

Que dirão a isto, não já as que assassinam os fructos dos seus amores, mas aquellas que podendo alimentar-os aos seus peitos, os entregam a mãos mercenarias, sacrificando o mais bello dos feitiços mores da mulher á conservação de alguma pequena parte de sua belleza physica! Não dirão nada; rirão de quem se occupa a escrever de cães; e em Deus lhes dando mais um filho tornarão a mandal-o para onde, por dinheiro, lh'o nutram bem ou mal, e lh'o maltractem e lho estropiem muito embora, mas d'onde não venham vagidos importunos quebrar-lhe o somno ou interromper-lhe os divertimentos.